



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**CENTRO DE ESTUDOS E TERAPIA DO ABUSO DE DROGAS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: “PSICOATIVOS: SEUS USOS E USUÁRIOS”**

**AS DIFERENTES FORMAS DE USO DO CRACK E A SUA RELAÇÃO COM RISCOS  
E DANOS SOCIAIS E A SAÚDE ENTRE MORADORES DO AREAL DA RIBEIRA,  
SALVADOR-BAHIA**

**Aluno: MARCO MANSO CERQUEIRA SILVA**

**Orientação : Maria Eugênia Nuñez**

Salvador  
Setembro de 2010

# ASPECTOS SÓCIO-ANTROPOLÓGICOS DO USO DE DROGAS

Uso universal, presente em toda história da humanidade;

Consumo de drogas: diferentes significados

Consumo de drogas na atualidade

Individualismo;

Consumismo;

Competitividade;

Fragilidade de laços sociais e de solidariedade;

Criminalidade e violência;

Fragilidade do sistema de saúde;

Vulnerabilidade (HIV, hepatites, HTLV, TB, etc)

# O CRACK COMO PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

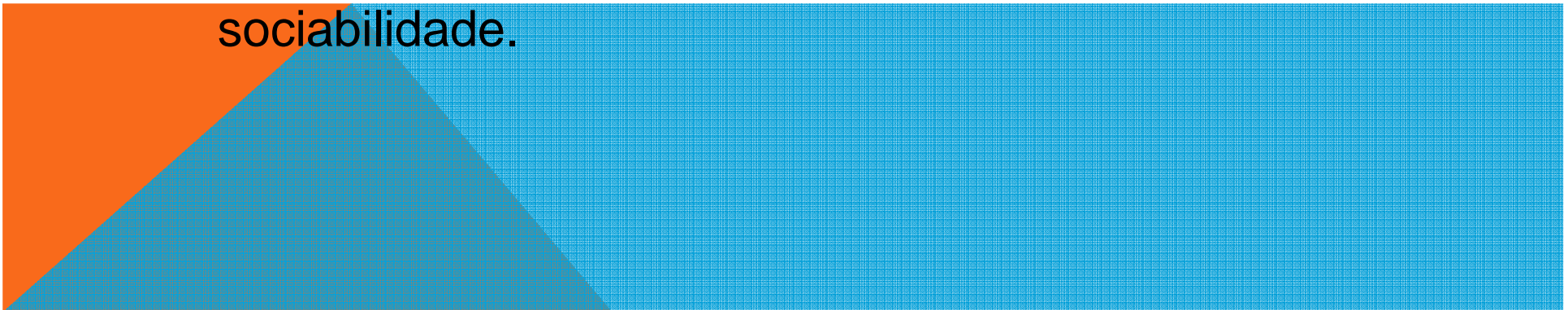
Nos últimos dez anos, observa-se um relevante agravamento da vulnerabilidade social e à saúde, sobretudo, pelo acentuado aumento do consumo de crack.

A magnitude do problema levou o Estado Brasileiro a considerá-lo como problema de saúde pública.

E neste contexto ressalta-se a importância de inovadoras estratégias de pesquisas e de intervenção, construídas junto à população a quem se destina, no sentido de construir, conjuntamente, medidas de redução de riscos e danos sociais e à saúde capazes de efetivamente promover a melhoria da qualidade de vida e exercício da cidadania deste segmento.

# OBJETIVO GERAL

Descrever as diferentes formas de uso e aquisição do crack e a sua relação com riscos e danos sociais e a saúde, visando subsidiar no planejamento de estratégia de redução de riscos e danos social e à saúde, entre usuários de crack e sua rede de sociabilidade.

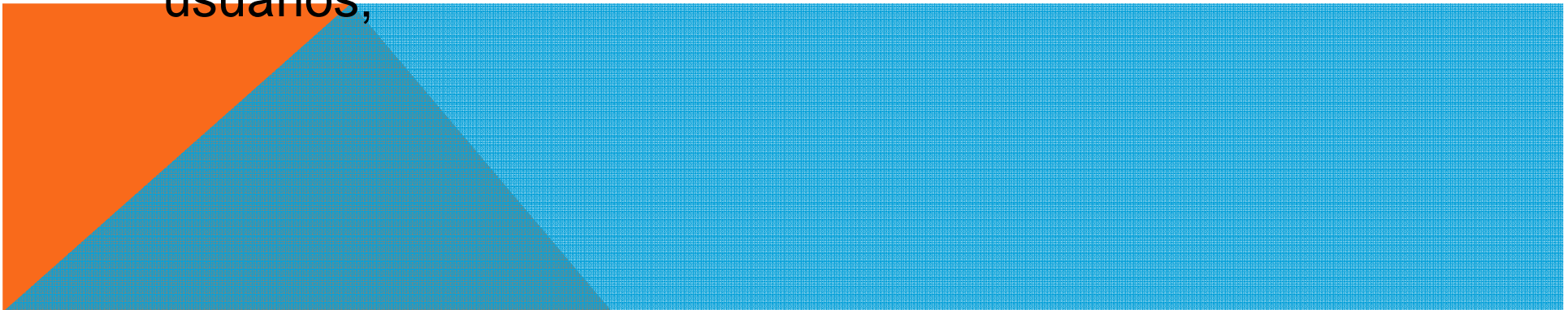


# OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar as diferentes formas de uso e aquisição do crack, dentro da realidade dos usuários;

Descrever as diferentes estratégias de enfrentamento aos riscos e danos, utilizadas pelos usuários de crack;

Estabelecer relação entre formas de uso, aquisição do crack e exposição à riscos, sob o ponto de vistas dos usuários;



# CONTEXTO DA PESQUISA

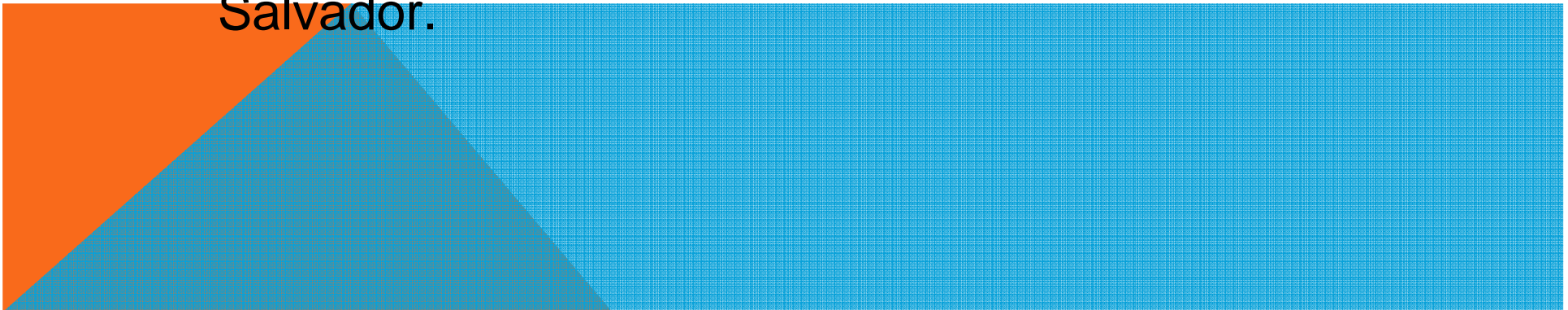


# CONTEXTO DA PESQUISA

Moradores da comunidade do Areal da Ribeira, localizado na Península de Itapagipe, situada na parte noroeste da Cidade do Salvador.

Conta com uma população de 170.725 habitantes (IBGE - 2000), distribuída em um conjunto de 14 bairros,

Concentra um dos maiores bolsões de pobreza de Salvador.

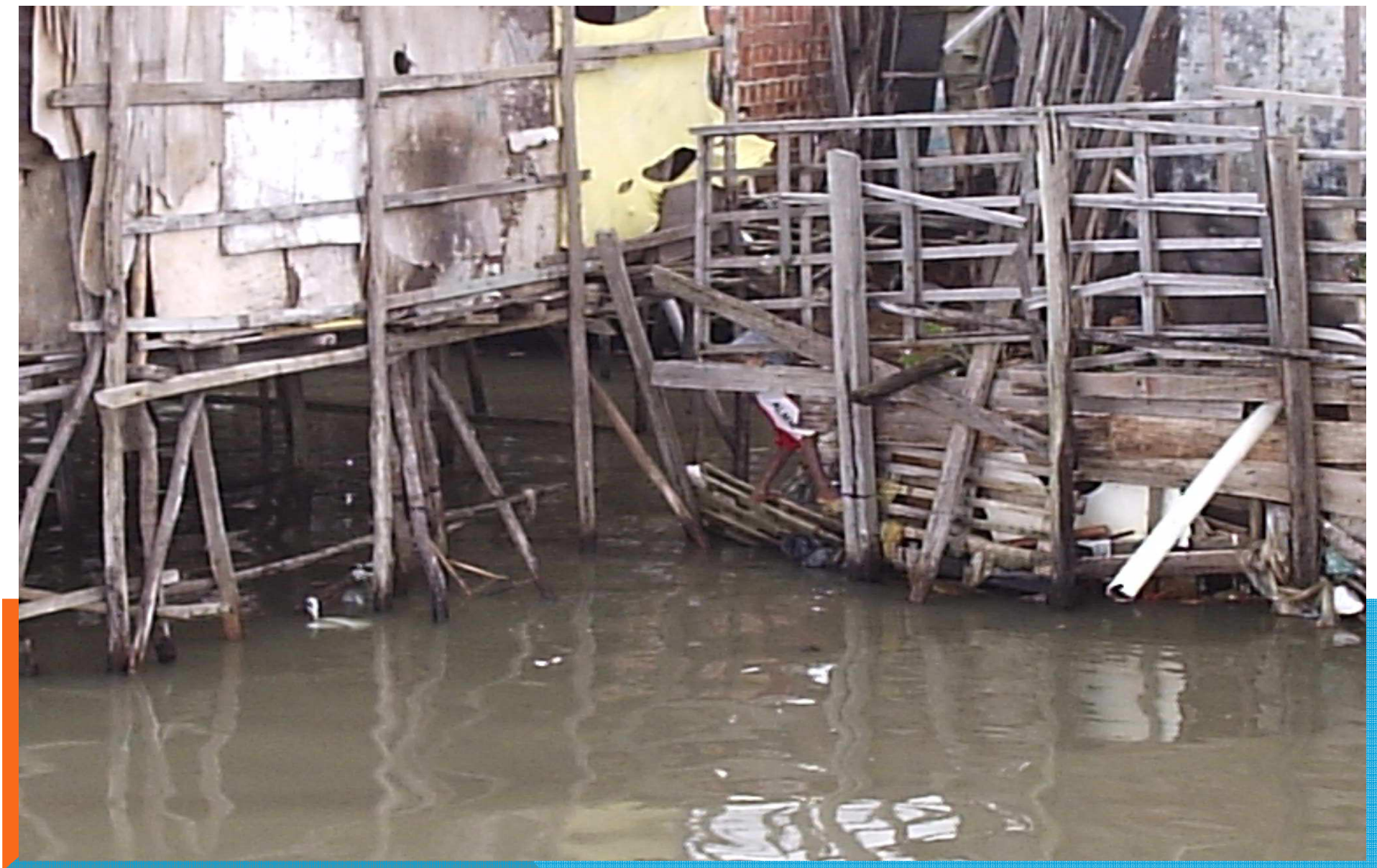


# CONTEXTO DA PESQUISA





# CONTEXTO DA PESQUISA



# CONTEXTO DA PESQUISA



# CONTEXTO DA PESQUISA



# Procedimentos metodológicos:

De acordo com Minayo e Sanches (1993), a metodologia é o fio condutor que articula a teoria científica e a realidade empírica, na produção do conhecimento científico, devendo sempre, estar apropriada ao objeto de estudo.

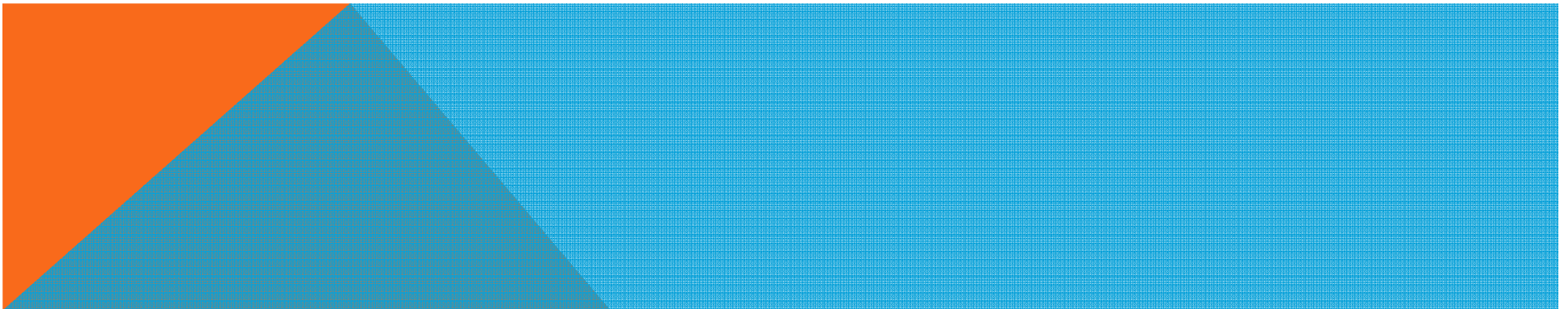
Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, com ênfase para o método etnográfico, considerando sua eficiência no estudo de “populações escondidas”;

A abordagem metodológica escolhida visou oferecer recursos para entender a visão dos usuários de crack a respeito das formas de uso e aquisição da substância, e a sua relação com riscos e danos sociais e a saúde.

Nesta abordagem, o encontro é condição fundamental, pois, o pesquisador precisa ir ao campo, ao meio cultural do povo que ele está estudando e deve avaliar os fenômenos como eles são percebidos por essa população, num movimento de “transformar o exótico em familiar” (damatta, 1981). Assim, através do contato com os “nativos”, no trabalho de campo e, por meio da participação direta na vida cotidiana deles, que o pesquisador construirá o conhecimento antropológico.



# APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS



# O USUÁRIO DE CRACK: RETRATO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Dez usuários de crack, sete homens e três mulheres, com histórico de uso diário de crack, ainda no momento da entrevista.

Faixa etária: A idade dos entrevistados variou na faixa de 27 a 42 anos, dentre os quais, (2) entre 27 e 28 anos; (4) entre 30 e 34 anos e (4) entre 38 e 42 anos,

Todos os participantes da pesquisa afirmaram a inexistência de vínculos conjugais formais, havendo predominância de “solteiros”.

Ocupação e renda: todos afirmam vinculação com atividades informais e temporárias, cujos rendimentos variam entre duzentos e oitocentos reais,

Baixo nível de escolaridade, variando do fundamental ao ensino médio incompletos.

Apresenta poucas diferenças em relação àquele usuário, inicialmente, circunscrito à cidade de São Paulo, em pesquisa qualitativa realizada por Nappo et al (1996)

# HISTÓRIA DO USO DE CRACK: TEMPO, PADRÃO E EFEITOS DO USO

## TEMPO DE USO

Metade dos entrevistados faz uso desta substância entre cinco e oito anos, e o restante entre oito e dezoito anos. Já no grupo de mulheres, o estudo mostra que todas fazem uso de crack entre sete e treze anos, das três entrevistadas, duas mais velhas, utilizaram, antes do crack, cocaína endovenosa (pico) e migraram de forma definitiva para o uso na forma fumada.

Estes dados, contrariando o senso comum e a mídia, contrapõem o discurso alarmista propagado pelos meios de comunicação quando veiculam que o crack é a droga da morte, que mata após a primeira tragada.



# HISTÓRIA DO USO DE CRACK: TEMPO, PADRÃO E EFEITOS DO USO

## PADRÃO DE USO

Uso compulsivo e prejudicial, ocasionando danos de ordem econômica, moral e social;

Outro aspecto importante da amostra refere-se ao desenvolvimento do padrão *binger* de consumo de crack (consumo intenso da droga). A totalidade dos entrevistados menciona a ocorrência desse padrão de uso, inúmeras vezes na vida;

Assim, todos os entrevistados relataram, alguma vez na vida, ter faltado com o cumprimento de suas próprias necessidades sócio-sanitárias como alimentação, sono e higiene, relegando-as a segundo plano ou desempenhando-as apenas com fins de dar continuidade ao uso.

# HISTÓRIA DO USO DE CRACK: TEMPO, PADRÃO E EFEITOS DO USO

EFEITOS DO USO: Entre todos os efeitos que o crack provoca, a fissura parece ser o mais angustiante, uma vez que a vontade incontrolável de usar, leva os usuários à prática de qualquer ato para conseguirem a substância, fazendo com que os usuários corram risco de vida, não medindo as consequências nessa busca pela droga.

*“Eu conheço camaradas que estão presos por causa dela, o crack. Foda velho! foda! sacanagem é ela. Ela veio pra roubar, matar e destruir, deixa o pobre na miséria e o rico perder a vergonha”.*

*“O crack diz, me beije vá e esses que tão chegando agora acho que é burrice, eu mesmo entrei nessa porque não tinha espelho, hoje eu tenho espelho [...] burrice velho!Burrice”.( )*

*“Porra já vi tanta coisa, já vi tiro na cara. Espelho que eu falo: é já fiz tanto isto [...] eu já fiz tanta loucura por causa do crack, hoje eu aprendi, não quero mais isso para mim (Mulher 34 anos)*

# História do uso de crack: Estratégias de auto-regulação

“Perda de controle”

NUNCA  
EXPERIMENTE  
O CRACK

Caminho sem volta

ELE CAUSA  
DEPENDÊNCIA

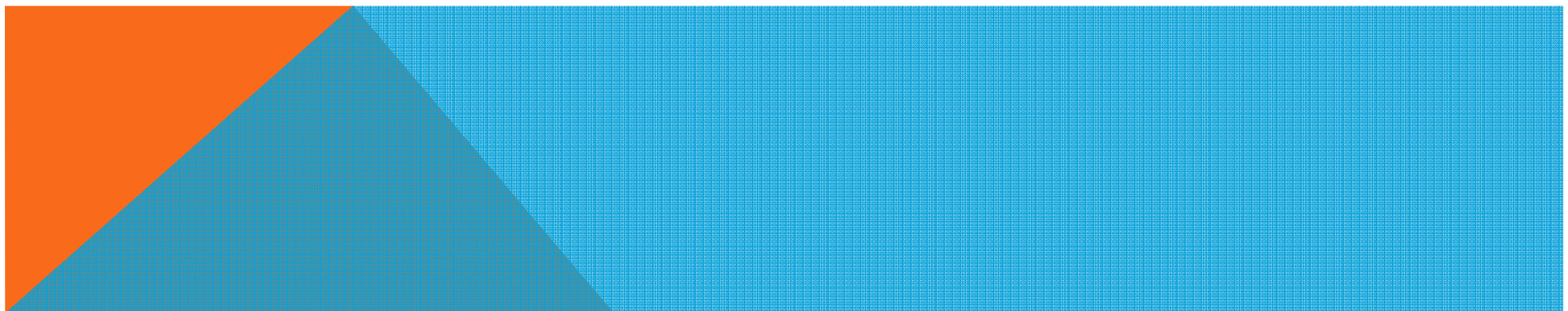
Abstinência como única saída

E MATA

Sem  
possibilidade  
de uso  
controlado

# HISTÓRIA DO USO DE CRACK: ESTRATÉGIA DE AUTO-REGULAÇÃO

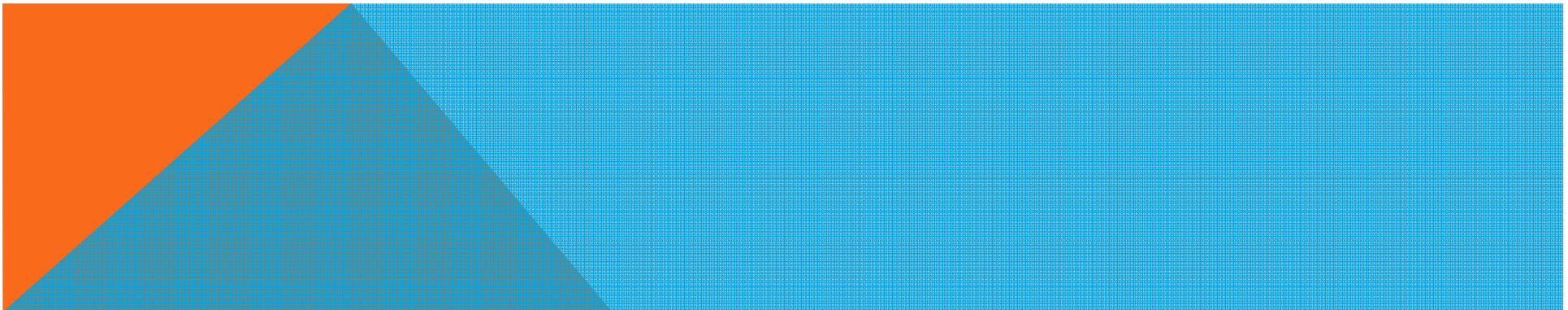
O médico Zimberg chama a atenção para as regras e controles informais desenvolvidos pelos usuários, ressaltando, também, a influência do cenário social, os quais contribuem e funcionam como uma forma de autocontrole dos consumidores e dos respectivos grupos de referência. (ZINBERG, 1984, p. 48).



# HISTÓRIA DO USO DE CRACK: ESTRATÉGIA DE AUTO-REGULAÇÃO

Autocontrole ou auto-regulação consiste em estratégias individuais e fatores de proteção subjetivos desenvolvidos, pelo próprio usuário, a partir de suas próprias experiências, crenças e valores.

A mudança do uso compulsivo a controlado geralmente dá-se após anos, no momento em que o indivíduo conscientiza-se das implicações e das concessões feitas em favor da continuidade do uso.



# HISTÓRIA DO USO DE CRACK: ESTRATÉGIA DE AUTO-REGULAÇÃO

- 1) Uma das estratégias observadas refere-se à substituição da pedra de crack por formas “mais leves” de consumo, a exemplo do pitilho;
- (2) Considerada importante pelos usuários, outra estratégia de proteção utilizada, é a diminuição do uso de substâncias que estimulam o desejo pelo crack, como é o caso do álcool;
- (3) Evitar circulação em contexto social do uso de crack;
- (4) A forma de ocupação do tempo constitui fator importante:



# HISTÓRIA DO USO DE CRACK: ESTRATÉGIA DE AUTO-REGULAÇÃO

- (5) O Afastamento do contexto social do uso de crack:

*“Então eu quero parar, quero dá um tempo [...] Eu quando não to aqui eu consigo [...] eu ano passado agora, eu fiquei três meses em Aracajú, como eu le falei que minha profissão é mergulhador então, eu fui fazer um serviço lá, então fiquei lá, fiquei sem usar nada [...] lá tem muito também, mas, eu não misturava. Fiquei três meses mas, minha perturbação é quando eu venho pra cá. Quando eu venho pra cá [...] pro bairro aí pronto. Sempre tem que ter um: e aí velho? E aí? Vai dar um pau? Ainda quando eu vim pra cá fiquei mais uns quinze dias sem usar mas, depois caí na tentação de novo. Eu quero sair daqui, não é fácil não . Entendeu velho? Fácil de agente parar, é fácil pra agente entrar agora pra sair ela é mais difícil [...] porque sempre tem que ter um que diz rapaz, vamo, vamo [...] aí se “aviciou já era”. (Homem 32 anos);*

- (6) Procura por atendimento e tratamento espiritual.

# HISTÓRIA DO USO DE CRACK: ESTRATÉGIA DE AUTO-REGULAÇÃO

- (7) Vale enfatizar, que a maioria dos usuários que compartilham cachimbos desenvolve mecanismos de proteção para uma possível exposição a doenças.



*“Onde o cara botou a boca você ia lá (...) É, queimava. Queimava pra não pegar micose, qualquer problema que ele tivesse não passasse pra mim né velho. Eu sempre fui assim né velho, tem gente que era [...] tem gente que é guloso que vai mete logo boca, o cara vai baba tudo e aí meu irmão é o fio da gota. Eu mesmo, (Homem 38 anos)*



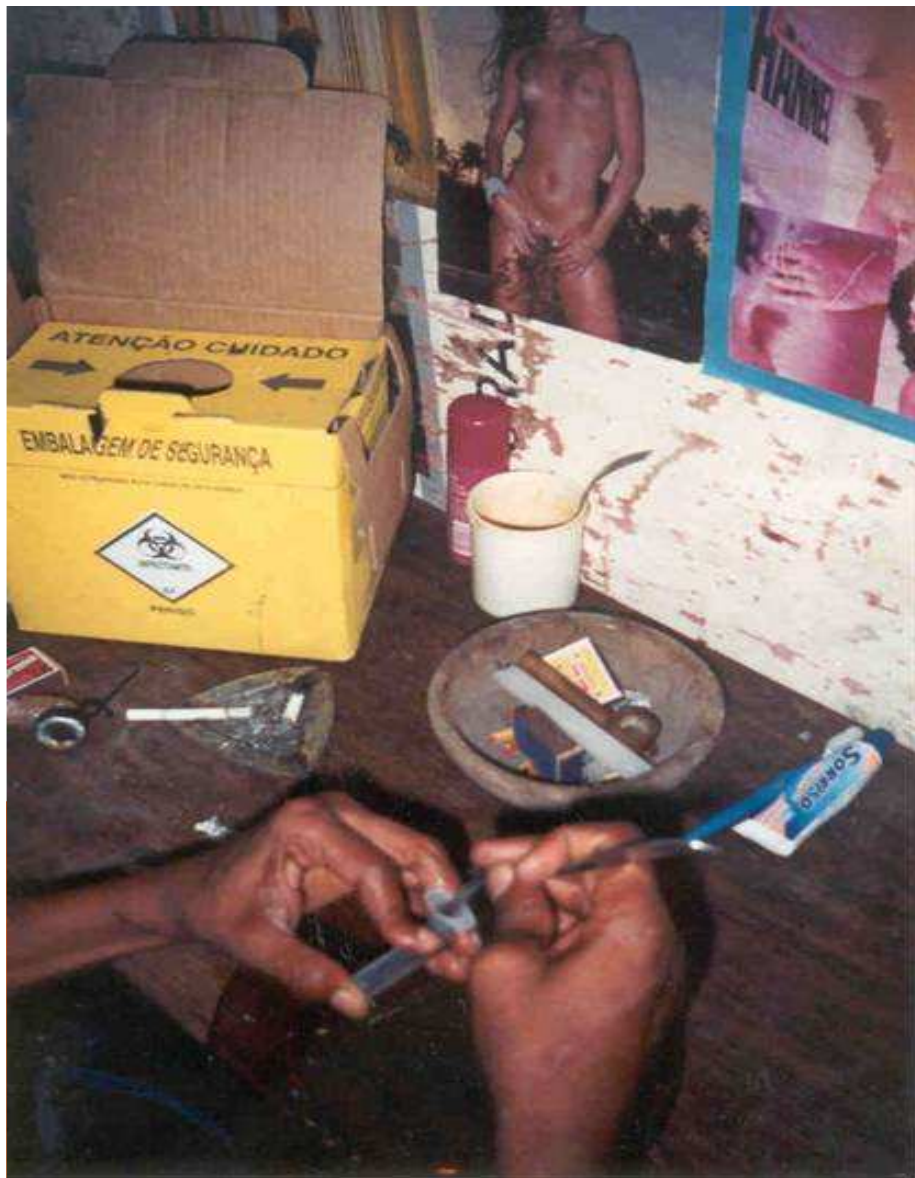
# FORMAS DE USO DE CRACK: CACHIMBO



# FORMAS DE USO DE CRACK : PITILHO



# FORMAS DE USO DE CRACK: “BORRA”

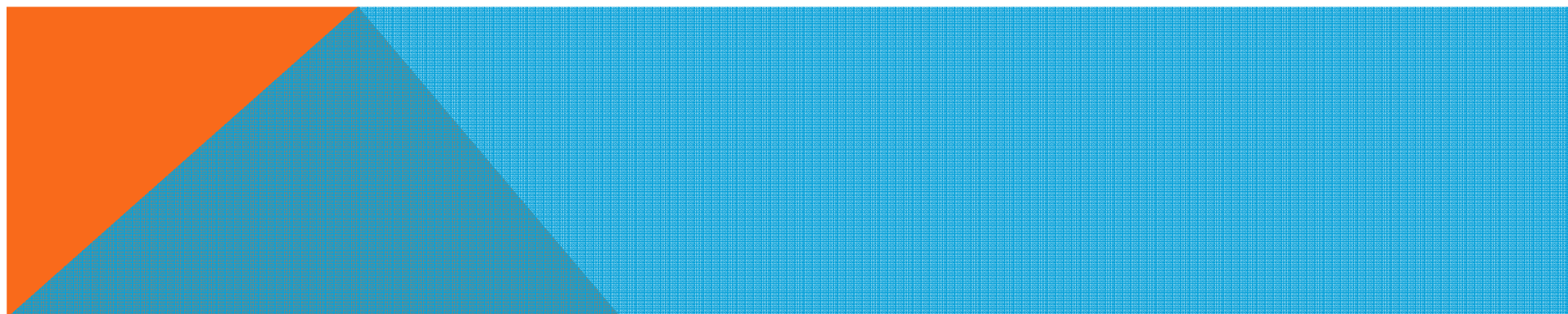


# FORMAS DE AQUISIÇÃO DO CRACK

Práticas mais comuns para aquisição do crack: Atividades informais (“bicos”), pequenos delitos e prostituição, “bolo doido”;

80% da amostra não adere ao uso do preservativo em todas as relações sexuais.

O uso do crack aliado à falta de capacidade monetária para bancar o custo do consumo, está relacionado à atividades delituosas, como forma de aquisição da droga, gerando comprometimento moral e social e importante exposição à riscos e danos à saúde.

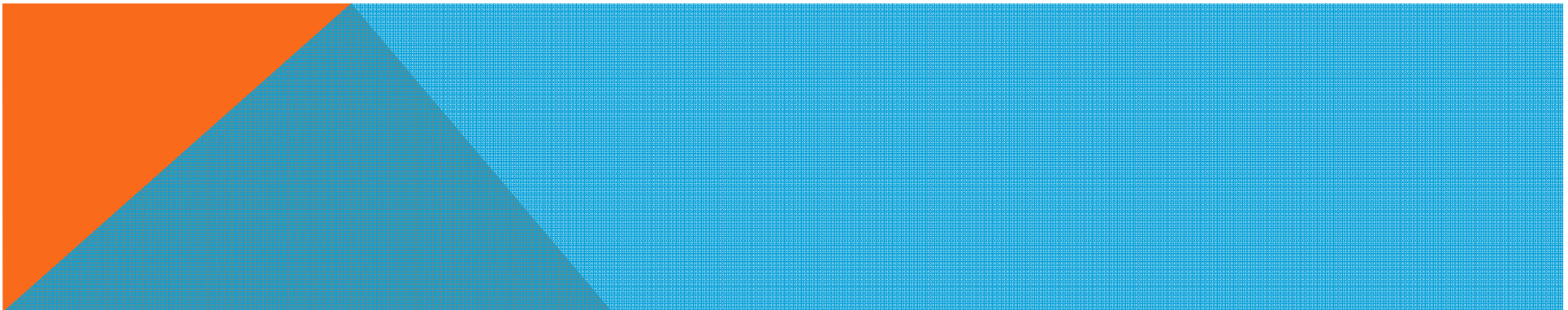


# PERCEPÇÃO DE RISCO SOCIAL E RISCOS A SAÚDE

PERCEPÇÃO DE RISCOS DIFERENCIADA:

Homens: correria para aquisição da droga

Mulheres: relacionada às questões de saúde, cujo conteúdo, expressa significativa preocupação em contrair doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

(a) Os principais achados nessa pesquisa convergem com outros estudos realizados por (OLIVEIRA, 2007), principalmente no que concerne as relações de uso abusivo de crack e a estreita conexão entre fenômenos como pobreza, racismo, falta de respaldo legal, péssimas condições de trabalho e direitos fundamentais negligenciados.

(b) O consumo de crack, constituindo-se numa prática ilícita, se dá em universo escondido, de forma segredada e em pequenos grupos:

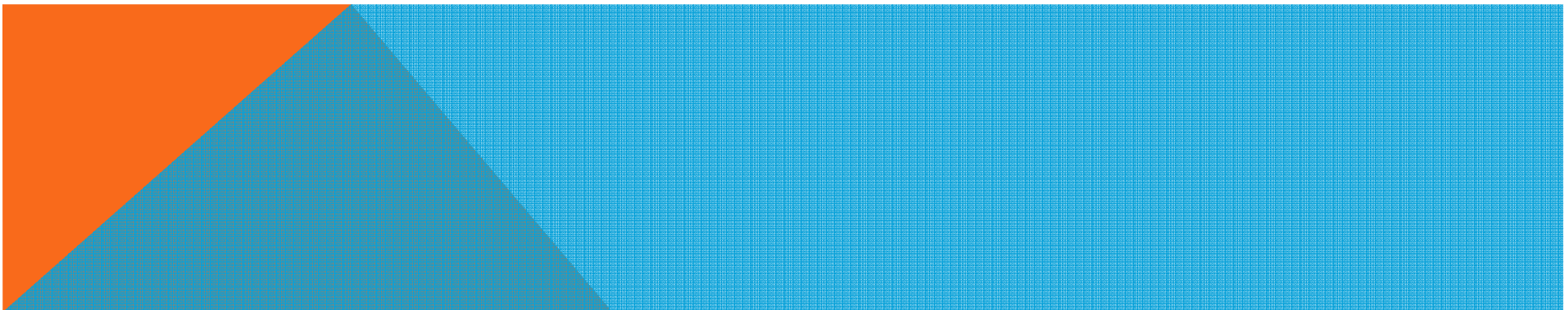
- Segmento populacional, do ponto de vista da Saúde Pública, sociologicamente ignorado e pouco assistido pelas políticas específicas;

Apesar do uso de crack e os agravos decorrente representarem um problema de saúde pública, as demandas de saúde dos usuários ganham pouca visibilidade

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

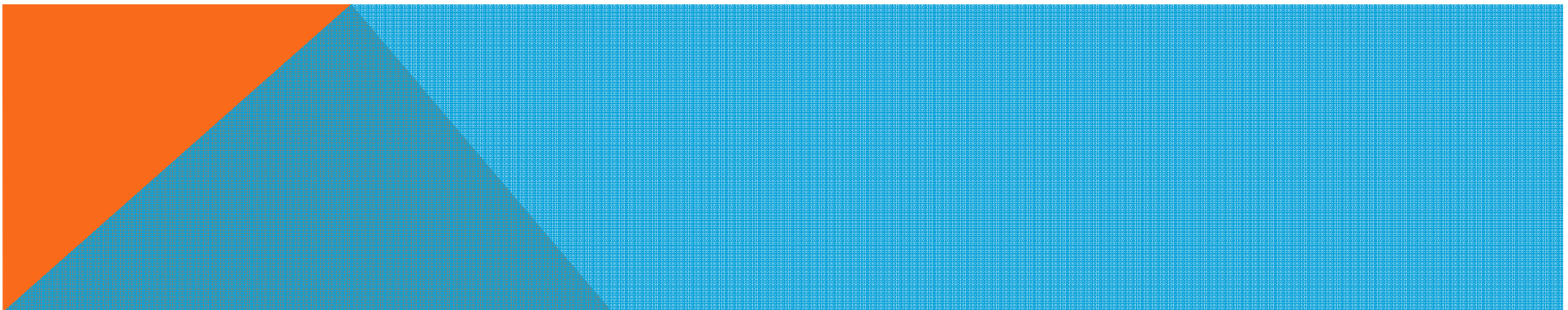
(c) A prática de sexo desprotegido faz das mulheres usuárias de crack um segmento de risco acrescido em relação às DST/AIDS, haja vista que, a forma mais comum de obtenção de recursos para aquisição da droga, é através da venda do próprio corpo. Neste contexto, assume significativa importância o desenvolvimento de ações voltadas promoção da saúde sexual e reprodutiva;

(d) No que concerne às formas de aquisição de recursos para obtenção do crack mais utilizadas pela população masculina, ressalta-se a ampliação de riscos sociais e o papel do tráfico na absorção de mão de obra dos jovens excluídos do mercado de trabalho.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

(e) O uso compartilhado de cachimbos constitui uma prática comum, incentivada pela escassez deste insumo na cena de uso e pela necessidade de, alguns usuários, garantirem uma nova dose da substância, através do acúmulo de resina (borra). Neste cenário de uso, salienta-se a ampliação de riscos para a transmissão da Tuberculose, Hepatite C, HIV e outros agentes patogênicos, dentro dessa cultura. Explicita-se também a extrema necessidade de delinear projetos específicos para esta clientela, que contemplem a disponibilização de insumos como cachimbos e protetor labial.





# CONSIDERAÇÕES FINAIS

(f) A mídia exerce um papel fundamental na representação do imaginário social em torno do crack, atribuindo a essa substância o aumento da criminalidade e da violência, sem que se questione a rede de acontecimentos influenciados, por exemplo, por fatores econômicos, políticos e culturais, alguns deles apresentados ao longo deste trabalho.

g) Contrapondo as crenças do senso comum, os usuários de crack, em geral, desenvolvem um saber, sobre a substância, que se difunde entre eles como regras e controles informais de autorregulação. Com grande poder de influência sobre o cenário social do uso de crack, acredita-se que essas estratégias protetoras, possam se constituir em subsídio importante para o planejamento e implantação de estratégias de redução de danos eficazes entre os usuários de crack.

# REFERÊNCIAS

ABAREDA, com apoio do PN-DST/AIDS. A contribuição dos Estudos Multicêntricos frente a Epidemia de HIV/Aids entre UDI no Brasil- 10 anos de Pesquisa e Redução de Danos MS- 2003 p.29.

ABAREDA, Grupo focal (informação verbal), 2002/2003, Salvador.

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 190p.

BECKER, H. Consciência, Poder e efeito da droga In; H Becker Uma Teoria da Ação Coletiva, Rio de Janeiro, Zahar, 1976, PP 181- 204

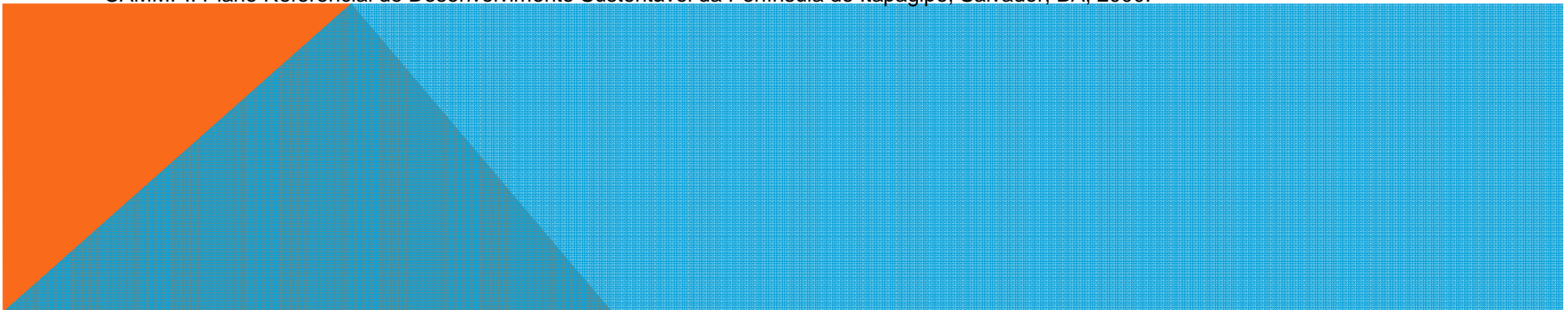
BUCHER, R. Drogas e drogadição no Brasil. Porto Alegre. Artes Médicas, 1992.

\_\_\_\_\_ Prevenção ao uso indevido de drogas, vol. 1 e 2. Brasília, UNB, 1991.

\_\_\_\_\_ As drogas e a Vida: uma abordagem biopsicossocial/ CORDATO São Paulo EPU, 1988.

BRONISLAW BACZKO. "Imaginação social". In Enciclopédia Einaudi, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985, p. 403.

CAMMPI. Plano Referencial de Desenvolvimento Sustentável da Península de Itapagipe, Salvador, BA, 2000.



COGGIOLA. Comércio Internacional de drogas: Uma aproximação histórica. São Paulo, USP, 2004, Mimeo.

CONEP, 2002.

DOMANICO, A. Craqueiros e Cracados: Bem Vindo ao Mundo dos Nóias. Estudo sobre a implementação da estratégia de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil. Salvador, 2006.

ESPINHEIRA, G. Maldito Cidadão: numa sociedade com drogas, p 29.

ESPINHEIRA, G. Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. 162 p.

ESPINHEIRA, G. À guisa de introdução: uma abordagem sócio-antropológica das drogas. In: NERY FILHO, A. Prevenção sem medos e terapia sem estigmas. Salvador, s.d. Inédito.

ESPINHEIRA, G. Ficção do real: observar, deduzir e explicar: esboço da metodologia da pesquisa. Metodologia e prática do trabalho em comunidade:.. Salvador: EDUFBA, 2008. 138 p.

ESPINHEIRA, G. (Coordenador), Sociabilidade e Violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004. 204 p.

GEERTZ, 1978, p.15.

JONES RT. The pharmacology of cocaine. In Grabowski J (ed): *Cocaine: pharmacology, effects and treatment abuse*. Rockville, Maryland; NIDA Research Monograph 50, 1984.

LÓPEZ. A. O. História Del Opio, in drogas y Toxicomanias. Madri, Libros Directos, Editora National, 1979, p.145.

LÓPEZ. A. O. História Del Opio, in drogas y Toxicomanias. Madri, Libros Directos, Editora National, 1979, p.145.

MACEDO,C.A; PAIM.S.J; SILVA, V.M.L; COSTA.N.C.M . Revista Saúde Pública v 35, n.6, São Paulo, dez. 2001.

MATTOS CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. Rio de Janeiro: UERJ; 2001

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de redução de danos, saúde e cidadania - Brasília. Ministério da Saúde, 2001

NAPPO. S A. Comportamento de risco de mulheres usuárias de crack em relação as DST/AIDS. São Paulo: CEBRID; 2004.

NUÑES. M.E. Aspectos psicossociais do uso de crack em Salvador – Bahia, 1997.

OLIVEIRA, L. G. Avaliação da cultura do uso de crack após uma década de introdução da droga na cidade de São Paulo- São Paulo, 2007.

SAWAIA, Bader. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-13.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WACQUANT, Loïc. Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada. 2º ed. Tradução João Roberto Martins Filho et al. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001. Set. 2005. 224 p.

ZINBERG, N. The Social Setting as a Control Mechanism in Intoxicant Use In; Lettieri, D. J. Mayers, M, Pearson, H. W. (eds) Theoris on drug Abuse, NIDA Research Monograph 30, NIDA Rockville, 1980, pp 236-244

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão; tradução Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. A ordem do discurso. São Paulo, Loyola, 2004.

ZALUAR, Alba (Org.). Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAIXÃO, Antonio Luiz. Problemas Sociais, Políticas Públicas. IN ZALUAR, Alba (Org.). Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

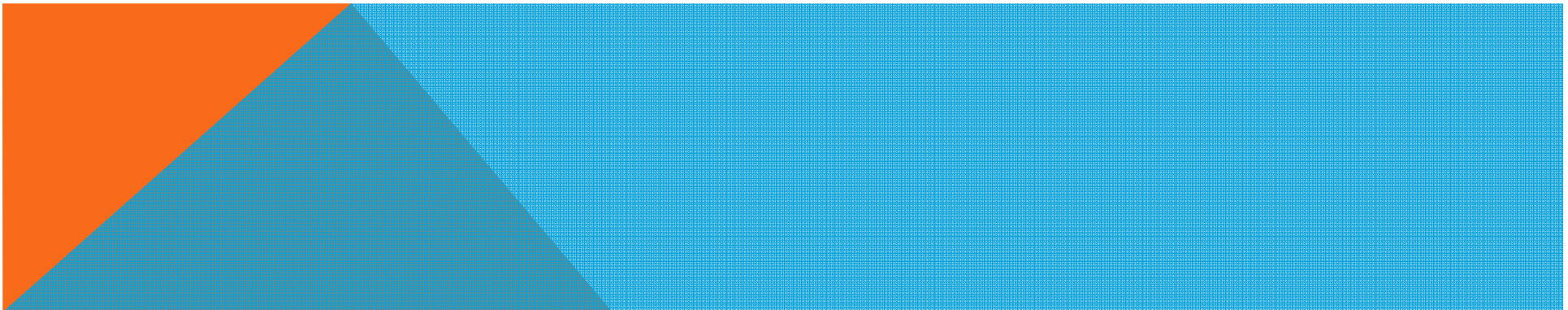
RODRIGUES, Thiago Moreira de Souza. Política e Drogas nas Américas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, 2001.

ROUANET, Luiz Paulo. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SÁ, DOMINGOS BERNARDO SILVA. Projeto para uma Nova Política de Drogas no País. IN ZALUAR, Alba (Org.). Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ZALUAR, Alba (Org.). Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). Um Século de Favela. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.



“Redução de Danos: uma opção pela  
vida!”



Obrigado!